



— A medonha bruxa vinha montada no cabo d'uma vassoira...

AS PERGUNTAS DE SUSANA

POR ENILIO DESBEAUX

(Continuado do numero antecedente)

— Pois bem, mamãsinha; imagina que eu tinha feito uma maldade, desobedecera-te não sei em quê. Então uma bruxa, muito feia, muito velha, desceu ao meu quarto por um buraco alli do tecto...

E a Susaninha olhou para cima, para vêr se lá estava o buraco. Não estava.

— A medonha bruxa vinha montada no cabo d'uma vassoira. Aproximou-se da minha cama, e olhou-me com olhos que pareciam ter lume! Eu tremia de medo! Depois, collocou-me sobre o peito um dos seus grandes dedos ossudos e que parecia uma garra, e disse-me com voz cavernosa:

«Desobedeceste e venho castigar-te!»

E vendo que eu tentava esconder-me debaixo da roupa, accrescentou:

«Não consegues escapar-me! Vou levar-te comigo, como costume levar todas as meninas desobedientes, e entregar-te-hei a Satanaz, que te metterá na sua caldeira de agua a ferver!»

Ao mesmo tempo senti-me arrebatado pela bruxa, atravez da janella, que nos deu passagem, apesar de estar fechada. Atravessámos nuvens e montanhas, sem encontrarmos nenhum obstaculo. Não sei que tempo durou esta carreira medonha; o que sei é que, de repente, senti-me cahir sobre o meu leito e acordei. Mas estava ainda tão afflicta com o sonho, que não sabia se estava adormecida ou desperta. Cheia de medo, chamei por ti, mamásinha!

E a Susanita abraçou outra vez a sua querida mãe.

A sr.^a de Sannois, depois de ouvir a narrativa de sua filha, ficou pensativa, parecendo bastante contrariada.

— Que tens tu, mamã? — perguntou-lhe a pequenita.

— Logo t'o direi quando estivermos ao almoço. Agora é preciso levantares-te; vou ajudar-te.

Apenas a sr.^a de Sannois afastou a roupa, ouviu-se um espirro singular; bastante admirada, olhou para a Susaninha, que se fez muito vermelha, murmurando:

— Tinha-me esquecido d'elles!

— De quem? — perguntou a sr.^a de Sannois, levantando inteiramente os cobertores, o que lhe permitiu vêr a gatinha Blanchette, a qual espirrara ao sentir a falta da roupa onde se enroscara.

De mais a mais, a Blanchette não estava só! tinha por companheira a Michka, a cadellinha russa!

— Ah! Susana, isto não se faz! Pois não te prohibi de deitares na tua cama estes animaes?...

— É verdade, mamã... Mas a Luiza esqueceu-se d'elles hontem á noite, e eu julguei...

— Não me serve a desculpa, e quero que me promettas que não tornas a fazer o que fizeste.

— Prometto, mamã, prometto!

E a ladina acompanhou a promessa com um beijo tão caricioso, que a sr.^a de Sannois não pôde deixar de sorrir em signal de perdão.

Chegou a hora do almoço, e reuniu-se toda a familia; mas aquellas reuniões já não tinham a alegria de outr'ora. A tristeza de Paulo affligia todos, principalmente o sr. de Sannois, causa involuntaria d'aquelle desgosto. Sómente a nossa Susana, confiando no avósinho, não perdera a esperanza de que tudo «se arranjaría»; e era ella que desanuviava um pouco a familia com as suas continuas perguntas e engenhosas reflexões.

— Devo dar-lhes parte d'uma coisa que bastante me contraria — disse a sr.^a de Sannois no fim do almoço.

— O que é? — perguntaram-lhe.

— A Susana teve um sonho esta noite, que muito a assustou.

E a sr.^a de Sannois contou o sonho pavoroso da pequenita, dizendo em seguida:

— Tinhamos combinado nunca referir á Susana essas historias phantasticas de bruxas e lobishomens, que tão má impressão causam no espirito das creanças. Talvez se esquecessem e lhe contassem algum conto de feiticéiras...

— Não, não! — protestaram logo todos.

— N'esse caso, a Susana vae dizer-nos onde ouviu a tal historia.

A pequenita ficou silenciosa.

— Vamos, filha, diz lá; seria a Luiza?

— Não foi, não foi! — acudiu a pequenita.

— Eu tinha-lhe feito recommendação expressa, e por isso me admirava. Quem foi então?

— Foi a Francisca... — murmurou a pequenita, contristada, receiando que a cosinheira fosse despedida.

— A Francisca! Como foi isso?

— Veiu hontem á noite ao meu quarto dizer não sei qué á Luiza e emquanto esta sahiu, contou-me a historia d'uma bruxa, na verdade um tanto parecida com o meu sonho.

— Pois a Francisca será despedida, e reprehendida a Luiza pela sua negligencia.

— E para a outra vez, minha querida filha — interveiu o sr. de Sannois — não queiras ouvir historias tolas e estupidas.

— Sim, sim, meu papà, não quero tornar a ter sonhos tão maus!

E reflectindo um momento, a Susaninha accrescentou:

— É verdade: porque é que nós sonhamos?

— Era de esperar a pergunta — disse sorrindo o capitão de fragata.

E deseioso de distrahir o filho, ajuntou:

— Olha, o Paulo que te responda.

— Então diz lá. Porque é que sonhamos?

Paulo olhou affectuosamente para a sua irmãinha e redarguiu:

— E porque é que dormimos?

— Ora! porque estamos fatigados.

— Dizes bem. Os nossos musculos, os nossos membros, fatigados com o exercicio do dia, repoisam durante a noite; mas o cérebro, sobretudo, é que precisa de mais repouso.

— O cérebro?

— Sim, o cérebro, uma massa de tecido nervoso, que está por detraz da tua testa, debaixo do teu crâneosinho; o cérebro, que trabalha todo o dia, porque é elle que tem o encargo de elaborar todos os pensamentos e de os fazer executar. Precisa, portanto, de descanso, e é a esse descanso que nós chamamos somno. Entretanto, quando dormimos, nem todas as partes do nosso corpo repoisam. O coração continua a bater; os pulmões não cessam de respirar; mas não é o cérebro que executa essas delicadas operações, é uma outra massa de tecido nervoso, a medulla espinhal, que está ao longo da nossa espinha dorsal. O repouso d'ella, coitada, consiste em fazer bater com menos força o coração e respirar mais brandamente os pulmões.

— D'esse modo, se ella repoisasse completamente, o nosso coração deixaria de bater e os nossos pulmões de respirar...

CAPITULO XXVI

OS BALÕES

— Isto é, deixaríamos de viver. Já vêes que serve para alguma coisa a medulla espinhal.

— Serve, serve!

— Não obstante, apesar da sua importancia, não passa d'uma humilde serva do senhor cérebro.

— Ora essa!

— Envia para todas as partes do nosso corpo uns fiosinhos compostos da mesma substancia de que ella se compõe, e a que se chama nervos. Os nervos estão á flôr da pelle e constituem os órgãos que nos auxiliam no apalpar. São elles que têm o encargo de apreciar o calor, o frio, a fórma, o peso dos objectos. Vou agora dizer-te as relações que ha entre os nervos, a medulla espinhal e o cérebro. Imagina que estás ás escuras e que desejas passar d'uma casa para outra. Vaes andando e, de repente, esbarras com uma porta fechada. Procuras o fecho; e os nervos que estão nas extremidades dos teus dedinhos, conseguem encontrar-o. Que fazem elles então? Avisam immediatamente a medulla espinhal de que tocaram no fecho. A medulla transmite tambem logo o aviso ao cérebro, perguntando-lhe o que se deve fazer. O cérebro responde que é necessario abrir a porta. A medulla passa a ordem aos nervos, e estes ordenam aos musculos da tua mãozinha e do teu braço que levantem o fecho, e... a porta abre-se.

— Realmente! — exclamou a pequenita — nunca pensei que fosse precisa tanta coisa para se abrir uma porta!

— Acredito —olveu Paulo, sorrindo. — Vamos agora ao sonho. Quando te deitaste, descevas dormir, ou antes, o teu cérebro queria descansar. Mas a questão é que elle não repousa completamente, e as mais vivas sensações que tivera durante o dia, continuam-lhe ainda um tanto durante o seu repouso. Ora, com toda a certeza, a tal historia da bruxa fizera-lhe grande impressão.

— Sim, sim! — murmurou Susana.

— E essa impressão continuou durante o somno. Alem d'isso, quando te deitaste sabias que tinhas desobedecido á mamã, conservando na cama a Michka e a Blanchette.

A Susaninha fez-se muito vermelha.

— A idéa de desobediencia contrariara-te, porque és boa filha. Fechaste, pois, os olhos de baixo d'essa impressão. Durante a noite, o teu cérebro repousou francamente; mas, quando chega a manhã, o somno torna-se mais leve, o cérebro, já um tanto fresco, desperta um bocadinho; e foi então que se lembrou vagamente da tal bruxa e da tua desobediencia, produzindo d'esse modo o terrivel sonho que tiveste. Quanto ao peso que sentias sobre o peito, é muito de crer que fossem a Blanchette e a Michka, que se lembrassem de dar um passeio sobre o teu corpinho. Ora ahí tens explicado o teu sonho, e a razão porque se sonha.

— Muito bem! — exclamou o sr. de Beaucourt.

— Explicas os sonhos, meu querido Paulo — disse o sr. de Sannois — como os antigos sacerdotes da Assyria!

Paulo sorriu suavemente.

Chegara a primavera. As arvores tinham sacudido as neves do inverno e cobriam-se de folhas. O bom sol alegrava Paris, fazendo-lhe esquecer os dias tristes do inverno.

Susana participava d'aquella alegria da natureza. Entretanto, nada mudara no interior da familia; continuava a tristeza em todos, porque o sr. de Sannois mantinha a sua resolução. A Susaninha, porém, confiando no avô, e um pouco por instincto, estava convencida que os taes obstáculos haviam de desaparecer em breve. Contudo, não tornara a vêr a sua amiguinha Thezeza. Quando pedia para ir visital-a, apparecia sempre um pretexto para a dissuadir.

Quando n'uma tarde voltava de passear com o avôsinho, e justamente ao subirem a escadaria exterior do palacio, disse-lhe elle:

— Olha para o ceu, minha filha.

— É um balão! — exclamou a pequenita.

O aerostato, bastante volumoso, subia magestoso no espaço, encaminhando-se para o sul. A Susaninha seguia-o attentamente com a vista. Aquelle globo aërio excitava-lhe a curiosidade; o avô podia contar com uma enfiada de perguntas. De facto, d'alli a um momento, começava ella:

— Ó avôsinho, porque é que os balões sobem no ar?

— Porque são mais leves do que ar. Um corpo que tenha peso equal ao do ar, conserva-se em equilibrio, por exemplo, as nuvens; se o peso fôr superior, cahe no chão; se fôr inferior, então, pelo contrario, eleva-se, como succede ao fumo e aos gazes.

— E tambem aos balões — accrescentou a Susaninha.

— Sim, mas os balões sobem porque têm gaz dentro.

— E de que são feitos os balões?

— Em geral, de tafetá, coberto com uma camada de verniz, o que evita que saia o gaz.

— E a barquinha?

— A barquinha é feita de materia leve e flexivel, para que não sobrecarregue o balão e ao mesmo tempo não se despedace com os choques da descida.

— Os choques?

— Sim. O balão desce a pouco e pouco. Apenas o aeronauta, que é o homem que dirige o balão, vê que está a distancia conveniente da terra, larga uma ancora, presa a uma corda bastante forte segura á barquinha; e a ancora deve cravar-se na terra, ou agarrar-se a alguma arvore, para definitivamente suspender a marcha do balão; mas pode acontecer não ficar logo segura, e então a barquinha vae-se arrastando pelo solo e esbarrando com as arvores ou com as casas.

— É bem perigoso o officio de aeronauta!

— Perigosissimo; muitos têm perdido a vida ao quererem estudar os ares. São os martyres da sciencia.



— E um balão! — exclamou a pequenita

— E eu que julgava que elles faziam isso por divertimento!

— Pois enganavas-te.

— Disseste-me, avôsinho, como o balão sobe, mas não me explicaste como desce.

— Tens rasão. O que é que o faz subir?

— O gaz.

— Então, tirando-lhe o gaz, o balão cahe, não é verdade?

— Sim; mas como se lhe tira o gaz?

— Por meio de uma válvula.

— E isso que é?

— É uma especie de portinha de metal collo-

cada na parte superior do balão e munida d'uma corda que vem até á barquinha. Quando o aeronauta quer descer, puxa pela corda e abre a válvula. O gaz, achando uma sahida, trata de fugir. Então o balão desincha pouco a pouco, até que, não tendo gaz sufficiente para o suster no espaço, volta á terra.

— Um dia, — recordou a Susaninha — vi um balão subir a muito custo, e então o homem que ia n'elle deitou fóra da barquinha um ou dois saccos, cheios não sei de quê. Porque foi isto e o que tinham os saccos?

(Continua).

A PONTE IMPROVISADA

Era na estação dos banhos. Alberto e Therezinha costumavam ir brincar para a beira-mar, vigiados de perto pela sua mamã, ou por alguma criada de confiança. Os dois manos divertiam-se

brincadeiras. Servindo-se da areia húmida da praia, levantam casas e fortalezas. Outras vezes, fazem na vagar n'alguma pôça de agua salgada os seus barquinhos de cortiça ou de madeira; entre-têm-se juntando pequeninas conchas e pedrinhas; saltam os regatos que a maré deixou na areia, e n'esse exercício enchem-se de bríos, disputando quem ha de saltar os mais largos, do que resultam alguns trambalhões inofensivos. A Dora, a gentil boneca da Therezinha, é que não pode imital-os nos saltos, porque tem as pernitás muito curtas; apenas pode dar uns passinhos cautelosos.

Que se ha de inventar para que ella possa passear sem molhar os pésinhos e os bonitos sapatinhos doirados?

Ha só um meio: fazer uma ponte.

Mãos á obra! O Alberto e a Therezinha vão amontoando areia dos dois lados do pequenino

regato, batendo-a com as mãosinhas, para ficar mais dura. D'alli a nada, estão erguidas duas formidaveis montanhas!

Os manos pulam de contentes. Agora falta o taboleiro da ponte. Isso arranja-se. O Albertinho vae buscar um pedaço de táboa, resto de algum barco que o mar despedaçou, e volta com elle, alegre e ufano.

A táboa é collocada sobre os dois montes de areia. Está feita a ponte, uma linda ponte!

Agora já a menina Dora pode passeiar á vontade, sem perigo de estragar o seu fato.

Mas a maré vae crescendo, crescendo; chega aos pilares da ponte, lambe-lhes um bocado, e foge, como se temesse ser agarrada; mas não tarda em voltar, e, d'esta vez, a onda arrasta consigo as duas montanhas!

Amanhã haverá mais regatos; os dois manos farão novas pontes. E ainda bem: se o mar não viesse destruir o trabalho da Therezinha e do Alberto, não teriam elles para se entreter aquelle tão innocente brinquedo.



O BAPTISADO

Lili tinha convidado na vespera as suas amiguinhas de collegio. Pediu tambem ao mano mais velho para que lá ao fundo do jardim, com um lenço que lhe tinha dispensado a mamã, lhe levantasse uma especie de barraca, tendo dentro uma pequenina mesa.

Mas para que seria tudo aquillo? Para uma coisa muito simples. Lili, que era uma interessante menina de 10 annos, muito amiga do estudo e de todos, tinha tido um presente da mamã, em recompensa de ter dado no collegio boas lições. O presente era uma elegante boneca, vestida de setim côr de rosa, com chapéu de vistosas flores; os olhos eram azues, os cabellos loiros, a carinha de porcellana, finamente colorida.

Lili, desde que se viu mamã de tão galante filhinha, quiz logo baptisal-a, o que ainda não tinha feito, pelo que sentia fundo pezar. Um dia pediu á mamã para que lhe deixasse fazer essa

resta na proxima quinta feira, visto ser dia de feriado, o que lhe foi concedido.

Lili pulou de contente e na quarta feira convidou as suas mais intimas amigas, a Lólo, de 5 annos, gordinha, com cabellos loiros, grandes olhos escuros, meiga como uma rôla e que devia ser a madrinha; Laura, de 7 annos, com modos de senhora, muito sympathica; Emilia, de 8 annos, linda de cara e que, apesar da sua pouca idade, era muito engraçada e intelligente; Gógó, de 6 annos, feia de cara, mas viva e travessa que ninguem a aturava; e, finalmente, a Emma, da mesma idade da Lili.

Determinou então a pequenita, visto ter tantas meninas, que se celebrasse com toda a pompa essa grande festa. Pensou em arranjar um banquete debaixo da barraca que seu irmão mais velho, rapaz de 13 annos, tinha armado.

Tinham chegado a Laura, a Emilia e a Emma.

Todas á uma admiravam a boneca, que estava deitada n'um berçosinho com cortinado de rendas.

Lili á entretendo as suas amigas, mostrando-lhes o enxoval que destinava á filhinha, a louça que havia de servir no banquete, e o vestido destinado ao baptisado.

Todas estavam ansiosas porque chegassem as que faltavam.

— Eu you vêr se veem, dizia a Laurinha, indo á janella. Ainda não se vêem. Meu Deus, que demora!

— Já se vão demorando bastante, dizia a Emilia, tambem impaciente.

Emma tinha ficado dentro, ajudando a vestir á boneca o vestido do baptisado.

N'isto, as duas que estavam á janella começam a dizer adeus com a mão e a berrarem contentes:

— Ah! vem a Lóló! Ah! vem a Lóló!

Correm todas á porta. Lóló chega effectivamente; beija as suas amigas, que a esperavam, e pergunta logo:

— Onde está a menina?!

— Lá em cima. Vem connosco, dizia a Lili, correndo á frente de todas, cheia de contentamento por ter já chegado a sua comadrinha. Todas sobem arrebataadamente a escada e chegam por fim á sala, onde estava a filhinha da Lili. Esta mostra a boneca á Lóló, que não pôde reprimir um grito de admiração.

— Deixas-m'a ter ao collo? dizia ella para a Lili.

— Logo, logo, observava a Laura, agora não.

— Ainda falta acabar de a vestir! observou Emma.

— Vamos vêr se chega a Gógó. Anda, Lóló, anda, Emilia, dizia a pequenita Laura. A Emma e a Lili ficam a acabar de vestir a menina.

Todas foram para a janella, porém ao chegarem lá, dão todas um grito de alegria igual ao que soltaram ao chegar a madrinha. Era a Gógó!

Depois dos mesmos cumprimentos, das mesmas exclamações com respeito á boneca, trataram só do baptisado.

A pedido da Lili mandou-se chamar ao collegio, em frente, o mano mais novo, de 9 annos apenas, que devia tomar parte na grande festa, servindo de padrinho e sacerdote. Veio tambem com elle o mais velho, mas que, por approvação geral, não devia entrar na brincadeira.

— Não, elle não, dizia a Laurinha.

— Elle o que quer é rir-se de nós, observava a Gógó.

— Prometto que não, protestava elle, rindo já.

— Vae-te embora, anda, deixa-nos brincar! berrava a Lili.

Augusto sahio e principiaram a tratar do baptisado.

— Vá, ponham-se por ordem, supplicava a Lili. Aqui, vae a Laura com a menina...

— Deixa-me antes ir a mim com ella! supplicava a Lóló, a quem a boneca causou veras impressões.

— Tu vaes de madrinha, não a podes levar, tornava a Lili. Vaes agora atraz ou ao lado.

— Antes quero ao lado, porque assim posso levar a mão em cima d'ella.

— Tu, Gógó, segues atraz com a Emma, continuava a Lili, collocando as duas no seu logar.

— Olha o que a Lóló está a fazer! disse uma d'ellas á mãe da boneca.

— Isto não faz mal! replicou a Lóló, que segurava uma perna da baptisada.

— Pois sim, mas não puches! tornava a Lili. Agora vem tu atraz commigo, Emilia... Andem todas... Vamos...

E o prestito atravessou um corredor e entrou em um quarto, que tinha ao fundo, em cima de uma mesa coberta com uma toalha, um throno de livros, feito pelo padrinho, e coberto tambem por um panno branco.

O cortejo parou, tomando os seus competentes logares.

D'alli a nada, sahio da alcova proxima o *padre*, que baptisou o *bébé* o melhor que os seus 9 annos lhe permitiam, e tornou a entrar, para se desembaraçar da toalha que pozera ás costas e da roda de papel que collara na cabeça a imitar a corôa dos padres.

Acabado o baptisado, foram todas para o quintal, para começarem o banquete de tão grandiosa festa. Mas a mãe da Lili, temendo que as companheiras da sua gentil filha sujassem os seus delicados vestidos, chamou-as e começou a vestir-lhes bibes da Lili. Terminada esta precaução, correram então livremente para o jardim.

Mas, ó fatalidade! Quando todas se sentam á mesa, ouve-se uma forte risada por detraz da barraca.

— Já cá está tudo! disse a rir o mano que fizera de padre.

Effectivamente, a Lili estava roubada. O mano Alfredo, apenas acabou o seu serviço, correu ao jardim, emquanto as meninas estavam pondo os bibes, e comeu tudo que estava destinado ao jantar da festa.

A Lili, ao vêr-se espoliada, largou a chorar e foi queixar-se á mamã, que mandou logo chamar o Alfredo e o pôz de castigo sentado n'uma cadeira ao pé d'ella. Depois, ordenou que fossem buscar mais doces para as meninas, que d'este modo conseguiriam effectuar o seu banquete.

Alfredo, do sitio onde estava, via-as no jardim a brincarem satisfeitas, o que o torturava deveras.

Pediú umas poucas de vezes á sua mamã que o deixasse ir brincar; mas a resposta era sempre negativa.

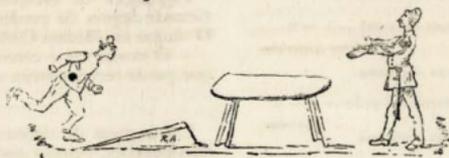
Por fim, não podendo já resistir por mais tempo, resolveu-se a pedir perdão.

— Mamã, eu não torno a fazer outra coisa igual á que fiz, dizia Alfredo, choroso, aos pés da mãe. Perdõe-me... perdõe-me, minha querida mamã, e deixe-me ir brincar com ellas!

A mamã enterneceu-se e, depois de o beijar, perdoou-lhe e deixou-o ir brincar.

Afinal, o Alfredinho tinha bom coração!

UMA LIÇÃO DE GYMNASTICA



Vá, homem, não sejas medroso! Uma!



Duas!



Tres! — CATRAPUZ!...

VERSOS AO JULIO

CÁSTIGO MERECIDO

Tem Andreza, velha gorda,
Na cosinha enorme tacho,
Onde usa fazer a assorda
Ou preparar o gaspacho.

Existe em casa um macaco,
Amarrado a uma corrente,
Esperto, fino e velhaco,
— Como elles são geralmente.

Um dia solta-se o bicho
Em quanto Andreza, coitada,
Vae pôr o barril do lixo
Na porta ao fundo da escada.

O maldito lambareiro,
Ao sentir-se assim liberto,
Do gaspacho feiticeiro
Em tres pulos se acha perto.

— Vou provar! diz satisfeito,
O macaco audaz e arisco:
— Deve ser bem bom p'ra o peito
Este soberbo petisco...

— É de curar-me no intuito
Que o destino assim me impulsa,
Pois sabe que eu soffro ha muito
D'uma atroz tosse convulsa...

— É justo pois que me aposse
Do que existe na certã...
Ai! meu Deus! lá vem a tosse!...
Anh! anh! anh! anh! anh! anh! anh!...

E, leve como um sargento,
Forma o pulo cá de baixo,
E assim deita n'um momento
As mãos ás bordas do tacho.

Mas — oh! funesto ludíbrio,
Que a sorte lhe preparará!
Perde o tacho o equilibrio,
Caha-lhe em cheio sobre a cara!...

E o larapio, que suppunha
No roubo encontrar delecte,
Chora em triste caramunha
Todo ensopada de azeite.

Chega Andreza de repente,
E o desditoso macaco
De novo é preso á corrente
E apanha p'ra o seu tabaco...

N'este conto, ó Julio, aprende,
Tu, que na vida te estrecias,
A sina de quem pretende
Furtar as coisas alheias...

D. MARIA DO Ó.

HORAS ENTRETIDAS

63 — CHARADA NOVISSIMA

Que grande vasilha leva este cadaver! — 1 — 2.

Vizeu.

O PEQUENO ANTONINHO.

64 — CHARADA NOVISSIMA

Todos tamos um instrumento com pello — 1 — 1.

Lisboa.

FANTOCHE

65 — CHARADA NOVISSIMA

Este deus aqui é esmoler e faz docr. — 1 — 1 — 1.

66 — PERGUNTA INNOCENTE

Porque é que compramos botas novas?

67 — PERGUNTA INNOCENTE

O que é que atravessa um rio estreito sem fazer sombra na agua?

68 — CHARADA ULTRA-NOVISSIMA

1, 2, 3 — Substantivo.

2, 3 — Substantivo.

3 — Substantivo.

Cheiro incommodativo.

Lisboa.

FANTOCHE.

69 — CONTRARIOS

(AO PEQUENO ANTONINHO)

Amarço — Cheio — Bom — Baixo — Mesquinho — Carnudo — Maior — Aquelle — Velho — Chupado — Junto. Com as iniciaes dos contrarios formar um proverbio.

Figueira.

AZOUEGUE.

70 — MAXIMA ENIGMATICA

(SUPPRESSÃO DAS VOGAES)

. l . b . r . d . d . . . v . d .
. . . s . c . r . v . d m . r . t .

Porto.

ANNA, ERMELINDA & C.^a

71 — PROBLEMA

Completar o seguinte quadrado com diferentes algarismos até ao n.º 23, sem que nenhum seja repetido e que fiquem dispostos de modo que, sommando horizontalmente, verticalmente e diagonalmente, cada uma das 12 sommas seja igual a 65.

	2		9	
19		11		3
	23		20	
5		7		24
	14		1	

ANNA, ERMELINDA & C.^a

72 — CHARADA

Em um qualquer regimento
Estou eu com minha irmã — 2
Represento no verão }
Do lavrador o afan } 2

Quem me vê fica encantado
Com a minha formosura,
E deseja destructar
A minha doce fescura.

PASSARINHO.

ALEGRIAS

Filippe IV de Hespanha tomou o nome de *Grande* depois de perder o reino de Portugal. O duque de Medina-Celi dizia a esse respeito: — O nosso rei é como os buracos: cada vez que perde terreno torna-se maior.

Um homem de talento, mas pouco feliz nas suas petições, pensou que talvez tornando-se excentrico tivesse melhor exito. Conhecia um ministro que gostava de alegrar com gracejos a gravidade dos negocios; foi ter com elle e apresentou-lhe a petição. Depois do ministro a lér, o homem disse-lhe:

— Se V. Ex.^a quer, leio a petição em verso.

— De boa vontade, disse o ministro, sorrindo.

Depois de recitar os versos, o pretendente perguntou se queria a petição cantada. Que sim. Apenas acabou, acrescentou:

— Se V. Ex.^a quer vou dançal-a.

— Oh! Pois sim, dance-a, porque nunca vi nenhuma petição dançada, e como é um facto tão novo, concedo-lhe o que me pede.

Tal pretendente, tal ministro.

Um pae aconselhava o filho a que se levantasse cedo, e, para o incitar, disse-lhe que um seu amigo encontrára um dia de madrugada uma bolsa cheia de dinheiro.

— O papá, — redarguiu o menino — mas o sujeito que perdera a bolsa ainda tinha madrugada mais!

Um sujeito, que era cego d'um olho, encontrando logo pela manhã um corcovado, disse-lhe:

— Ainda agora rompeu o dia e vaes já *carregado* d'essa maneira!— Effectivamente, deve ser cedo, porque ainda não abriste senão uma *janella*!

Um amo, desgostoso com o mau serviço do criado, disse-lhe um dia, deante d'alguns amigos:

— Vae te d'aqui! Es o rei dos tolos!

— Rei! — respondeu o criado, muito amavel.

— Prouvera a Deus que eu fosse o que o patrão diz, porque então seria V. S.^a o primeiro persoaagem da minha côrte!

Todos riram da ingenuidade do parvalhão.

SOLUÇÃO DOS PROBLEMAS

51, Sebastião. — 52, Amazona. — 53, São muitos os grandes rios. — 54, Quem muito falla, muito erra. — 55, O seu semelhante. — 56, Se o homem tinha dois cães e lhe levaram mais um, é claro que ficou com tres. — 57, O mez de fevereiro, que é o que tem menos dias. — 58, Bichano. — 59, Cachemira. — 60, Talharim. — 61, Falcão.

62

FATO
ATAR
TARA
ORAR